casadesarmento
centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

A CASA E O TÚMULO DOS REBELO DE VALADARES.

TEIXEIRA, Maria Emília Amaral

Ano: 1959 | Número: 69

Como citar este documento:

TEIXEIRA, Maria Emília Amaral, A Casa e o Túmulo dos Rebelo de Valadares. *Revista de Guimarães,* 69 (3-4) Jul.-Dez. 1959, p. 465-471.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt

Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

A Casa e o Túmulo dos Rebello de Valadares

Por MARIA EMÍLIA AMARAL TEIXEIRA
Directora do Museu Regional de «Alberto Sampaio» (Guimarães)

Na saborosa obra «Curiosidades de Guimarães» do erudito investigador vimaranense Alberto Vieira Braga, encontra-se a pág. 33 da parte XVIII (Ruas. Casas. Muralhas. Torres. Obras. Décimas Camarárias. Direitos Paroquiais) a fotografia de um prédio quinhentista da Rua de Santa Maria, com duas portas rasgadas ao sabor das necessidades interiores, duas janelas de recorte gótico, num primeiro andar baixo, e um enxerto «horrível» a altear o prédio, enxêrto que nada tem a ver, no gosto e na época, com o resto da construção. Não traz a nota do estudioso antiquário atribuição da casa a qualquer família. Perdeu-se com o tempo o conhecimento de que naquela casa de aspecto modesto, desataviado, viveu, talvez até ao séc. XVIII, um ramo dos distintos Valadares de Guimarães, de largos haveres e régia estirpe.

No trato que temos tido com inventários no Tombo da Cidade, veio-nos ao conhecimento o «Inventário Geral dos Benefícios, Capelas, Sepulturas & da Colegiada» de 1665 (1) onde se anotou assim: «Debaixo da escada que vai pª o choro de sima junto a/ Capella dos Pinheiros esta hum tumulo alto metido na/ parede com seu escudo em branco e dis assim o letreiro/ Aqui jas Ines de gᵉˢ

(1) Encontrámo-lo também publicado, mas incompleto no jornal «O Independente» 7.º ano n.º 318. O erudito Abade de Tagilde citou alguns passos deste mesmo inventário no seu estudo «Apontamentos para a história de Guimarães» publicado nesta Revista vol. XXIV, págs. 145-178, ao ocupar-se de vínculos. Também no vol. XXV da mesma Revista págs. 39-52 se transcreve o citado inventário, na parte que se refere às sepulturas.

mulher do Ld.º João de Valadares/ bisneta de Martinho de Gᵉˢ filho de D. Fernando/ da guerra Bisneto dosr Rey Dom Pedro Cru que/ Santa gloria aja (1) e da Sr.ª D. Ines de Castro de Vala/dares, aqual faleceo a oito de Setembro de 634./ o qual tumulo disem ser hoje da geração dos vala/dares nelle se enterrou no anno de 665 Dona/ Catherina de Valadares, que morou nas casas que fiqúão com as costas pr o patio do Priorado; e sobre/ o seu quintal cae hua janella da Sanchristia desta/ Igrª».

Bem localizada pelo inventariante, estando ainda delimitado como outrora seria o quintal desta casa, não resta a mínima dúvida de que é aquela a velha casa dos Valadares, na rua de Santa Maria. Lá estão afrontadas a janela da sacristia, cujo corpo muito saído serve de limite ao quintal, a nascente, com as janelas e portas traseiras deste prédio. Tal como acontecera na fachada, foram as aberturas rasgadas ao sabor das comodidades, denunciando serem da época da construção as de molduras em bizel. Porventura uma das portas da frente conduziria aos baixos e ao rexio, e a outra daria acesso a um vestíbulo donde se passaria à escada que levava aos andares superiores. O embrechado de corredores, salas, portas, desvãos e armários embutidos nas paredes, fazem-nos crer que a planta, melhor dizendo, a construção primitiva não tenha sofrido alterações. Sente-se ao percorrê-la uma singeleza de vida, uma austeridade de hábitos, que nem ao evocar os nobres apelidos de seus moradores, nem lendo Clenardo se admite com facilidade. Os assentos de pedra que restam junto das janelas traseiras, tão convidativos para nas tardes cálidas, còmodamente se gozar os frescos ares que descem da Penha, são nota única a falar de modestos gozos. São de resto, comuns em construções civis da época, a documentarem a economia no mobiliário português, antes de termos começado a carrear riquesas para a mão dos fornecedores flamengos de gosto mais evoluído.

O prédio, se outrora ostentou as armas da família Valadares, hoje não as tem já. E não estranhamos que

(1) Este voto «que Santa gloria aja» é da autoria do inventariante pois não consta da legenda epigrafada no sepúlcro.

assim seja. Ao ser acrescentado ou remodelado o andar superior, poderiam ter sido retiradas as insígnias dos seus primeiros possuidores, até talvez porque a casa por essa altura já tivesse passado a outras famílias.

Na Rua Gravador Molarinho existe uma casa brazonada, do séc. XVI, justamente com as armas dos Valadares (1). Era talvez nesta casa que habitava o ramo mais abastado e principal da família. Claramente o seu aspecto denuncia um estilo de vida diferente do que julgamos poder atribuir-se aos habitantes da casa quinhentista da Rua de Santa Maria. D. Manuel de Valadares, cujo túmulo datado de 1550 se pode admirar no claustro que é grande salão de exposição do Museu Regional de Alberto Sampaio, habitaria esta outra casa. Talvez também o Dr. João de Valadares que casou com Brites Lopes de Carvalho, casal este instituidor do vínculo da Torre (que era opulento) e parece que do de S. Luís (2). Eram um e outro pessoas de largos teres e apurado gosto, porventura menos recolhidos do que era de esperar que fossem os seus parentes da Rua de Santa Maria, em que vamos encontrar quatro religiosos e um soldado por vocação, verdadeiro herói imolado numa remota cidadela industânica.

Na rua de Santa Maria teriam habitado os Valadares--Rebellos, como os denomina Cristóvão Alão de Morais na «Pedatura Lusitana», vol. II do tomo V, e que nos documentos nossos conhecidos são tratados por Rebello de Valadares.

Citamos a sua genealogia.

1 — Duarte Roiz de Valadares
2 — Simão Rebello filho deste... ...casou com Margarida da Silva filha de... ...e houve
3 — O licenciado João de Valadares
3 — Diogo Rebello que morreu solteiro

(1) Veja-se a obra de Armando de Mattos «Pedras-de-Armas de Portugal», pág. 192, que no entanto pode induzir em erro pois situa-a em Vale-de-Donas.

(2) O Padre António Rebello de Valadares, como vemos na genealogia, fez morgado seu sobrinho Simão Rebello que terá possuido túmulo e capela no claustro. O mesmo inventário, já citado pelo Abade de Tagilde, ao ocupar-se do vínculo dos Valadares, diz que esses bens foram dados a Simão Rebelo pelo padre João de Valadares, por ser seu sobrinho e em 1540.

3 — O licenciado João de Valadares casou com Inês dos Guimarães, filha do cónego Cristóvão dos Guimarães e de Margarida Luís de quem teve

4 — Francisco Rebello abade de Santo Tirso de Prazins e cónego de Guimarães

4 — O Dr. Miguel de Valadares desembargador de Braga e abade de Rio-Mau

4 — Jerónimo de Valadares abade de S. Miguel de Carreiras

4 — Simão Rebello que morreu na de Cunhale

4 — António Rebello abade de Rio-Mau por renúncia de seu irmão. Instituiu um morgado que nomeou a seu sobrinho Simão Rebello

4 — Francisca de Valadares mulher de Paulo Pinto morador em Braga sem geração

4 — Dona Catarina de Valadares mulher de Manuel de Mello da Silva filho de Francisco da Silva sem geração

4 — Dona M.ª de Valadares mulher do Dr. João Tristão Coutinho provedor de Santarém sem geração e desembargador.

Quem tenha mandado construir a casa da Rua de Santa Maria, não sabemos. O primeiro destes nomes conhecidos que a habitou foi João de Valadares (3 na genealogia). A pág. 226 do vol. LXVII da «Revista de Guimarães» num apanhado de notas «A propósito de uma imagem seiscentista de Nossa Senhora do Rosário» transcrevemos um passo das «Memórias ressuscitadas da Antiga Guimarães» em que aparecem os nomes de dois membros desta família. — Simão Rebello de Valadares (genealogia, 4) e seu pai João de Valadares (3, na genealogia) «que morava nas suas casas na rua de Santa Maria». Igualmente na Rua de Santa Maria habitava, à volta de 1610, seu filho o Cónego Rebello de Valadares (art. cit. pág. 527). Pelo inventário se vê que a irmã deste, Dona Catarina, ali viveu — talvez depois de ter enviuvado — até à sua morte em 1665 e é de crer que também

a mãe destes, Inês de Guimarães, que deve ter falecido já idosa. (1)

A propósito deste religioso seja-nos permitido transcrevermos a resposta que deu numa visitação em 1642, sendo já de «idade de setenta e cinco anos, pouco mais ou menos», e que vem preencher uma lacuna nas notas biográficas que dele traçámos no nosso citado trabalho. Afirmou o cónego «que o Rd.º cabido era obrigado a diser-lhe hua missa despois da sua morte todos os sabbados por hua escriptura q. disso lhe tinha feito na qual obriganam a comprar hua propriedade p.ª esmola das dittas missas, ao q. nam tem satisfeito q. pedia lhe comprassem a dita propriedade dentro em tres anos e nam a comprando q. se lhe tornasse seu dr.º». Era dadivoso o cónego Francisco Rebello; foram vultuosas as benemerências feitas à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, em S. Domingos. Mas parece que gostaria de suas contas direitas. Na mesma visitação se ordena ao fabricante que pague ao reverendo Cónego quatro mil reis das missas. Sentindo-se já idoso — ainda que a longevidade materna lhe pressagiasse uns largos anos para viver, deseja acertar contas. O Cabido não compra a propriedade. Aborrecido, já com os seus oitenta e cinco anos, o cónego Valadares desfaz o contrato «e lhe tornarão os cem mil rẽs». (2)

No capítulo de benemerências, e de ordem piedosa como as de seu irmão, conhecemos a que registou o Inventário do Tesouro de 1663, que foi um vestido de veludo verde, lavrado a ouro dado a Nossa Senhora da Oliveira por D. Catarina de Valadares.

Quantas gerações de tão régia ascendência tenha abrigado a modesta casa da rua de Santa Maria é que já se não pode documentar. A casa dos Valadares que encontramos na mesma rua, para o lado do Carmo, essa do séc. XVIII, fala já de uniões de apelidos, todos

(1) O filho Francisco tinha por 1642 «pouco mais ou menos 75 anos», remontando a data do seu nascimento a c.ª de 1567. Ainda que a mãe tivesse casado muito nova, não deveria ter nascido muito aquém de 1550, donde em 1634 ela ter uns oitenta e quatro anos, senão mais.

(2) O cónego viveria ainda em 1453 (última página do nosso estudo).

altamente conceituados no meio fidalgo da mais fidalga das nossas terras — os Carvalhos, os Vieiras, os Vasconcelos. Mudaram-se os hábitos. Cresceram os quartos. Alargaram-se salas. Vivia-se no séc. XVIII.

No túmulo talvez não tenham repousado mais do que as quatro pessoas de família que o inventário cita — uma delas confirmando-o o letreiro da sepultura — e que teriam sido:

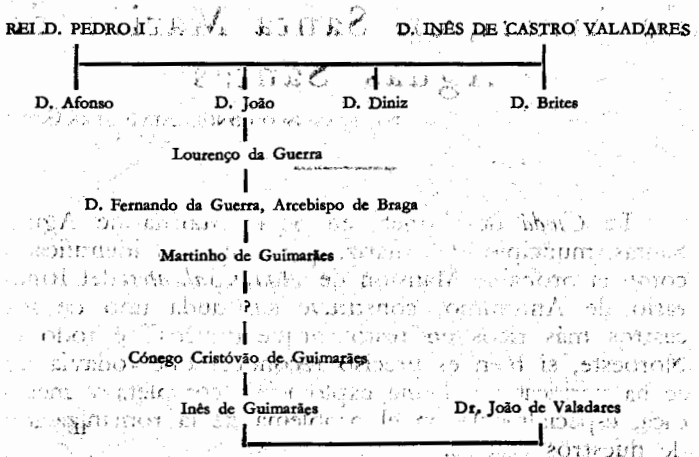
Catarina de Valadares; sua mãe, Inês de Guimarães; um tio-avô desta, Lourenço de Guimarães e o pai de Inês de Guimarães, como deve concluir-se de mais estes dois passos do mesmo inventário: «o tumulo alto q esta peguado a esquada do choro/ foi de Lourenço de g^es comendador da comenda de guarfe/ da ordem de Christo; e disem q hera fidalgo antigo sobr.º/ de Dom Fernando da guerra Arcebispo de Bragua filho/ de L.º da guerra neto de Dom pedro Cruel e de Dona Ines de Castro de Valadares» e outro passo do mesmo inventário que diz: «A sepultura que esta alta na forma desta assima/ peguado aescada do choro da Igr.ª, nas coatas desta meia/ folha referida que dis Ines de g^es mulher do/ ld.º João de Valadares diceramnos que tinha dan/ tes sido de hũ conego desta Igr.ª como constava/ de hũ purgaminho que esta no cartoria do Rd.º/ cabido». Cremos que este cónego seja o pai de Inês de Guimarães, ou seja o cónego Cristovão de Guimarães, que aparece citado numa das muitas visitações à Colegiada — esta em 12 de Novembro de 1565 — rezando assim o texto: «e tratreis tambem asy Evittados como jaa adão a Joan de Valadares, e a hua f.ª de Cristovão de Guimarães q se diz ser sua molher» Por ora desconhecemos inteiramente a razão da limitação que lhes era imposta, supondo no entanto que fosse por via de parentesco.

A tumba é singelíssima e não merece artìsticamente qualquer reparo.

Albano Belino (1) dá a leitura da inscrição tumular; com a data errada, também o Padre Caldas a ela se refere, sem comentários (2).

---

(1) Arqueologia Cristã, Lx. 1900, pág. 100.

(2) Guimarães — Apontamentos para a sua história. Porto, 1881, vol. II, pág. 25.

Terminando estas breves notas, interpretemos em esquema o abreviado da legenda do túmulo, acrescentadas as informações colhidas noutras fontes: